

POLÍTICA EXTERNA DA R.P.M. REFORÇA FRENTE ANTI-IMPERIALISTA MUNDIAL

— Deputado Joaquim Chissano, ao propor a ratificação dos Tratados de Amizade e Cooperação entre Moçambique e quatro outros países socialistas

Por ocasião da apresentação da proposta de ratificação, pela 4.ª Sessão da Assembleia Popular, dos Tratados de Amizade e Cooperação entre o nosso País e Angola, Bulgária, RDA e Roménia, o Deputado Joaquim Chissano, Ministro dos Negócios Estrangeiros de Moçambique, proferiu o seguinte discurso:

Durante o lapso de tempo compreendido entre esta sessão e a sessão precedente do nosso órgão máximo de Poder de Estado, o panorama político internacional foi marcado por acontecimentos de grande envergadura e alcance, que nos mantiveram em constante actividade, exigindo-nos tomadas de posições firmes, e uma reafirmação dos princípios que sempre nos nortearam.

A situação política internacional caracteriza-se pela intensificação da luta dos povos contra a exploração e opressão imperialistas, pela agudização cada vez mais crescente das contradições entre as classes oprimidas e as classes opressoras e pelo avanço do movimento de libertação nacional. Esta situação resulta da consolidação e alargamento do socialismo no mundo e da tomada de consciência cada vez mais elevada dos povos, da sua situação de oprimidos e explorados e do seu desejo de se libertarem.

O imperialismo, não se conformando com o avanço vitorioso da luta dos povos e das classes trabalhadoras, desenvolve e engendra novas táticas e métodos de acção que visam, em última análise, a eliminação de regimes progressistas e a consequente colocação no poder de regimes antipopulares que sirvam os seus designios. Conjugando a agressão com o paternalismo, tenta neutralizar os povos que ainda lutam pela sua emancipação.

Com esta política, o imperialismo pretende ocultar as suas verdadeiras intenções, camuflar o seu domínio e a exploração que exerce na realidade sobre numerosos povos do mundo, aliando frequentemente a chantagem económica à subversão, e quando estes métodos se revelam inadequados e infrutíferos recorre à intervenção armada. Neste contexto, pairam bem vivos nas nossas memórias, os exemplos das Comores, onde os mercenários foram utilizados para derrubar um governo progressista, e de outros países africanos.

Fazendo face a uma das suas maiores crises, o imperialismo tenta resolvê-la à custa dos Povos da África, Ásia e América Latina, povos que enfrentam graves problemas de nudez, fome e miséria, povos que procuram libertar-se deste jugo opressor. Explorando as suas riquezas, monopolizando todo o comércio e adoptando em alguns casos formas proteccionistas, o imperialismo visa conservar intactos os seus interesses nestas regiões, impedir que estes povos sejam senhores do seu destino, possam escolher livremente a sua via de desenvolvimento económico e social.

Na América Latina, constatamos que o povo do Panamá continua a manifestar-se contra a ocupação de uma zona do seu território pelo imperialismo americano na salvaguarda da sua soberania e integridade territorial. Na Nicarágua, o povo pegou em armas para derrubar um dos mais despóticos regimes daquela região, alcançando vitórias sucessivas, com o apoio internacionalista de outros povos desta região que se opõem a estes regimes ditatoriais. O mesmo se verifica em Salvador. Contra a repressão, massacres e genocídios perpetrados pelo regime fascista de Pinochet, o povo chileno intensifica o seu combate.

E ainda com repúdio que constatamos que o bloqueio contra a República de Cuba e a ocupação de uma das suas ilhas continua. Apesar desta afronta directa do imperialismo, o povo cubano mantém-se firme na sua luta pela consolidação das suas vitórias e no apoio internacionalista que tem dado aos outros povos.

SITUAÇÃO NA ÁSIA E MÉDIO ORIENTE

Na Ásia, a queda do regime sanguinário de Pol Pot e a subida ao poder de um regime progressista foi o acontecimento mais destacado naquela zona. O nosso Governo, ao reconhecer o novo regime de Kampuchea, procurou participar na libertação do povo deste País. Esperamos e estamos convictos que o novo regime de Kampuchea e os Governos do Laos e Vietname transformarão aquela região do sudeste asiático numa zona de Paz e de boa vizinhança, consolidando o socialismo e contribuindo para a construção da felicidade e bem-estar dos seus respectivos povos.

Por outro lado e nesta mesma região, foi com grande preocupação que presenciámos, com trágicas consequências para o mundo socialista, o conflito que opôs a República Socialista do Vietname e a República Popular da China, que culminou com a invasão da Chiga àquele País. Tivemos sempre a esperança que estes dois países socialistas encontrariam formas de, através de negociações, resolverem as divergências existentes. Esta invasão revestiu-se de extrema gravidade, porque foi a primeira vez na história que dois estados socialistas entraram em confrontação armada directa em grande escala, prejudicando e enfraquecendo a causa do socialismo e favorecendo as manobras do imperialismo.

Fiel aos princípios que sempre inspiraram a nossa Política Externa, o Conselho de Ministros, embora consciente das fortes relações de amizade existentes entre a República Popular de Moçambique e a República Popular da China, forçadas durante o período da luta armada de libertação nacional, condenou a invasão, exigindo a cessação imediata dos actos de agressão e a retirada das tropas ocupantes do território do Vietname.

Também na Ásia, a nossa preocupação dirigiu-se para a luta que o povo heróico de Timor-Leste trava contra a ocupação do seu território pelas forças do regime da Indonésia e pelo rude golpe que sofreu com a morte no campo de batalha do seu Presidente o Camarada Nicolau Lobato, destacado dirigente e

combatente da libertação do Povo maubere. O desenvolvimento da luta de libertação de Timor-Leste, dirigida pelo seu legítimo representante, a FRETILIN, e a sua resistência por todos os meios contra o invasor, apesar dos massacres, das infiltrações, das manobras de divisão, do aliciamento à deserção, levaram o inimigo a utilizar métodos mais ignóbeis para desmobilizar este povo e levá-lo a desistir da sua luta justa. Estamos certos que a FRETILIN saberá transformar esta difícil situação reforçando a determinação popular e ódio crescente ao inimigo, e expulsará o invasor Indonésio conquistando a sua total libertação do colonialismo e imperialismo. A República Popular de Moçambique mantém-se firme no apoio político, moral e diplomático à luta justa deste povo heróico.

No Médio Oriente, também tiveram lugar acontecimentos que contribuíram para a modificação da situação internacional. A queda do regime despota e monárquico do Irão revestiu-se de uma importância particular para a África Austral, porque o Irão, sendo o maior fornecedor de petróleo do regime racista da África do Sul e da colónia rebelde da Rodésia do Sul, suspendeu definitivamente os seus fornecimentos, o que constitui um factor positivo para a luta dos povos desta zona do nosso Continente.

Naquela região, a nossa atenção particular concentra-se nos acordos de «Paz» entre Israel e Egipto, que não servem os interesses do Povo Palestino. A Palestina foi e será sempre o foco de atenção da nossa Solidariedade e apoio, até que os direitos inalienáveis do Povo Palestino dirigido pela O.L.P. sejam respeitados. Estamos certos de que a Paz só voltará a reinar naquela região com a solução global do problema, que consiste na observância dos direitos inalienáveis do Povo Palestino a constituir-se em estado livre e independente e na recuperação dos territórios árabes ocupados por Israel.

A ACÇÃO DO IMPERIALISMO EM AFRICA

Senhor Presidente,

Analisando a situação do nosso Continente, constatamos em primeiro lugar que a morte do Presidente Houari Boumediene, ocorrida no ano passado, representa uma perda irreparável para o Povo Argelino e para todos os povos oprimidos do mundo, dado o valor das acções que ele desenvolveu durante a sua vida de estadista pela Libertação e igualdade dos Povos. Prestamos a nossa homenagem à memória deste destacado dirigente Africano.

Entretanto, no Sahara Ocidental, o Povo Sahariano dirigido pela Frente POLISARIO conquista vitórias crescentes no campo de batalha e na frente diplomática.

São de salientar as conversações que esta Frente logrou já com o novo regime da Mauritânia e a nova atitude que a Espanha foi forçada a tomar reconhecendo a Frente POLISARIO.

Porém, na África Austral é onde a nossa sensibilidade se agudiza, porque é aqui onde o imperialismo ameaça directamente a nossa independência e tenta organizar as suas manobras de recolonização ou neocolonização. Foi o imperialismo que fez com que o Governo reaccionário e criminoso de Amin, no Uganda, agredisse a Tanzânia no quadro da sua estratégia contra a libertação da África. Esta agressão dirigiu-se contra um País que, desde a sua independência, constitui na zona o centro do Movimento de Libertação de África. Não se tratou de um conflito de fronteiras entre o Uganda e a Tanzânia. A agressão à República Unida da Tanzânia surge no contexto preciso das acções imperialistas na África Austral e em particular no Zimbabwe, como forma de garantir a perpetuação dos interesses do imperialismo nesta zona.

Por estas razões, a República Popular de Moçambique condenou a agressão, exigindo a retirada imediata das forças invasoras ugandesas do território tanzaniano.

O Povo Ugandês, liderado pela Frente de Libertação do Uganda e apoiado pelas forças tanzanianas, derrubou a ditadura criminosa de Idi Amin. O nosso País reconheceu o novo Governo instaurado e estamos convencidos de que nos próximos anos criar-se-ão bases para uma cooperação mais sólida com a República do Uganda.

É ainda na África Austral que se registam grandes vitórias na causa da libertação dos povos oprimidos. Todavia o imperialismo não se resigna às derrotas e não as considera ainda irreversíveis, recusa aceitar os princípios internacionalmente consagrados da coexistência pacífica, do desanuviamento, do direito dos povos a escolher livremente a sua via de desenvolvimento. O imperialismo persiste na sua tentativa desesperada de recuperação das posições perdidas. Prossegue as suas constantes agressões contra os Estados da Linha da Frente, os estados de Democracia Popular, numa palavra, pretende evitar a verdadeira independência do Zimbabwe e da Namíbia e a edificação do Socialismo em Moçambique e Angola.

Na Namíbia constatam-se manobras imperialistas com o objectivo da eliminação da SWAPO, o único e legítimo representante do Povo Namibio. A África do Sul insiste na aplicação do seu princípio de desenvolvimento separado. Apesar das resoluções da O.N.U. e do seu Conselho de Segurança, a África do Sul continua a desenvolver a sua presença militar na Namíbia. As manobras do imperialismo, representado pelos Estados Unidos da América, República Federal da Alemanha, Grã-Bretanha, França e Canadá, culminaram com a realização de eleições fantoches de 4 a 8 de Dezembro de 1978, as quais visam servir os interesses do imperialismo e perpetuar a ocupação ilegal da África do Sul neste território. Agora o imperialismo tenta utilizar o mesmo método que Smith na Rodésia, a proclamação unilateral da Independência.

A situação no Zimbabwe é particularmente crítica com a consumação da última fase do chamado «Acordo Interno».

Apesar da condenação já feita pela grande maioria dos países da Comunidade Internacional, o imperialismo procura persuadir a opinião internacional a reconhecer o regime de Smith/Muzorewa, evocando o pretenso clima de legalidade e liberdade em que teria decorrido a farsa eleitoral. De facto, a aliança entre o renegado e traidor Muzorewa e o rebelde e racista Smith em nada mudou a natureza colonial do regime ilegal e minoritário da Rodésia.

Esta realidade é clara para os patriotas do Zimbabwe. A sua luta armada de libertação nacional, dirigida pela Frente Patriótica, continua e tem merecido um grande apoio e solidariedade das forças progressistas e amantes da Liberdade.

Estamos certos que a justa luta do Povo do Zimbabwe triunfará e que um Zimbabwe livre, independente e democrático nascerá.

A República Popular de Moçambique, consciente da natureza e das monobras do imperialismo na região, continua firme no apoio internacionalista ao Movimento de Libertação Nacional.

Em todos os momentos temos sabido isolar e denunciar o imperialismo. Assumimos como nosso o combate libertador dos Povos do Zimbabwe, Namíbia e África do Sul, respectivamente dirigidos pela Frente Patriótica, SWAPO e ANC, pela sua Independência Nacional, Igualdade e Democracia.

Neste contexto, e dedicada exclusivamente à análise da situação na África Austral, realizou-se este ano na capital do nosso País a reunião ministerial extraordinária do «Bureau» de Coordenação do Movimento dos Países Não Alinhados. Foi discutida profundamente a situação nesta região, a fim de sensibilizar a Comunidade Internacional para a grave situação que se vive nesta zona de confrontação directa com o imperialismo.

O documento final aprovado na referida reunião é um instrumento valioso, na medida em que contém medidas eficazes para o apoio político, material e moral ao movimento de libertação nacional e aos Países da Linha da Frente.

Contribuiu para o grande sucesso que alcançou esta reunião o eloquente discurso proferido por Sua Excelência o Presidente da República nessa ocasião, que traçou importantes orientações que serviram de base aos debates e à elaboração de tão valioso documento final.

Saliento ainda o total engajamento das estruturas do Partido e Estado na preparação da reunião, o que assegurou a sua correcta e eficiente realização.

PAZ E SEGURANÇA MUNDIAIS

Senhor Presidente,

Um outro problema que merece a nossa atenção são as questões de Paz e Segurança Mundiais.

Continuamos a apoiar resolutamente a luta pelo desarmamento geral e completo. Rejeitamos e condenamos a proliferação de armas nucleares e a crescente corrida aos armamentos.

Denunciamos activamente a intensificação da presença militar imperialista no Oceano Índico através da manutenção das suas bases, do reforço das suas unidades navais e da nuclearização da zona. Esta presença crescente constitui uma ameaça e visa criar uma instabilidade que cria uma plataforma para a agressão aos povos da região. Os interesses do imperialismo no Oceano Índico são óbvios. O domínio deste espaço marítimo apresenta-se como objectivo estratégico do imperialismo, devido aos grandes recursos minerais aqui existentes e à importância da rota do Cabo, factores fundamentais para a manutenção da sua hegemonia.

Neste contexto saudamos a assinatura do Tratado de Limitação de Armas Estratégicas (SALT II) entre a URSS e os E.U.A., como um passo importante para a realização do desarmamento geral e completo. Lamentamos porém que os E.U.A. tenham decidido interromper as negociações bilaterais sobre o Oceano Índico, que decorriam entre os mesmos países. Exigimos que os Estados Unidos da América voltem o mais rapidamente possível à mesa das negociações.

No âmbito da emancipação económica dos Povos, participamos activamente na luta pelo estabelecimento de uma Nova Ordem Económica Internacional, justa, democrática e equitativa.

REFORÇO DA FRENTE ANTI-IMPERIALISTA MUNDIAL

Senhor

A política externa do nosso País, baseada no Internacionalismo Proletário e orientada para a consolidação da independência nacional, contribuiu positivamente para o reforço da ampla frente anti-imperialista mundial.

A sua correcta aplicação eleva cada vez mais o prestígio da República Popular de Moçambique, o que é testemunhado pelo desenvolvimento do reforço das relações fraternais de amizade e cooperação mutuamente vantajosas com os países amigos, e particularmente com outros países socialistas, nossos aliados naturais.

É neste contexto que tivemos a honra de receber na nossa Pátria Libertada, o Presidente da República Popular de Angola, António Agostinho Neto, o Presidente da República Popular da Bulgária, Todor Jivkov, o Vice-Primeiro-Ministro da República Popular da China, Li Sien Nien, o Presidente da República Democrática Alemã, Erich Honecker, o Presidente da República Socialista da Roménia, Nicolae Ceausescu, e muito recentemente o Presidente da República da Guiné-Bissau, Luís Cabral,

(Continua na página seguinte)

POLÍTICA EXTERNA DA R.P.M. REFORÇA FRENTE ANTI-IMPERIALISTA MUNDIAL

(Continuação da página anterior)

A visita ao nosso País de tão eminentes figuras da Revolução Socialista e da luta anti-imperialista mundial, constitui em particular uma vitória do Povo Moçambicano e representa também uma vitória das forças progressistas do mundo contra o imperialismo, o colonialismo, o neocolonialismo, o sionismo, o racismo e o «apartheid».

Estas visitas permitiram estabelecer a nível mais elevado os princípios orientadores das relações entre a República Popular de Moçambique e aqueles países irmãos. Serviram para estabelecimento de bases concretas para o incremento da cooperação multiforme entre os nossos países, que se tem materializado através de um apoio mútuo político, moral e material na luta comum contra o imperialismo e os seus lacaios, pelo desenvolvimento dos nossos Estados, pela construção e consolidação do Socialismo, pela Independência Nacional, Paz e Segurança Mundiais.

Com a República Popular de Angola, celebrámos um Tratado de Amizade e Cooperação, que é corolário da vitória da nossa luta comum contra o colonialismo português e representa a nossa firme determinação em edificar o Socialismo nas nossas Pátrias Libertadas.

Estabelecemos, ao mais alto nível, as bases sólidas para o reforço e desenvolvimento das relações políticas, económicas, sociais e culturais entre os nossos Povos e Estados.

Definimos formas concretas de defesa dos nossos Estados de Democracia Popular, face à agressividade do inimigo imperialista e racista.

Fortalecemos o nosso papel de retaguarda segura do Movimento de Libertação Nacional, e em particular reafirmámos o nosso total engajamento na causa da Libertação Nacional dos Povos e em especial dos povos do Zimbábue, Namíbia e África do Sul.

O Tratado de Amizade e Cooperação entre a República Popular de Moçambique e a República Popular de Angola, constitui a certeza de que as ideias universais de Marx, Engels e Lenine encontraram terreno fértil nos nossos países, especialmente nesta zona crítica do nosso Continente, onde a confrontação com o imperialismo é directa e violenta.

A visita ao nosso País do Presidente da República Popular da Bulgária, Todor Jivkov, abriu uma nova página nas relações fraternais existentes entre o Povo Moçambicano e o Povo Búlgaro.

Ela permitiu-nos aprofundar o conhecimento mútuo entre os nossos Partidos, Povos e Estados e a solidariedade forjada durante o período da luta armada de libertação nacional do nosso País.

O apoio internacionalista que sempre tivemos da República Popular da Bulgária, ganhou novas formas após a conquista da

nossa Independência Nacional. Desenvolveu-se a cooperação material e técnica entre os nossos Estados, nas mais diversas frentes de produção. É por exemplo do conhecimento dos senhores deputados, a valiosa contribuição dos internacionalistas búlgaros no vale do Limpopo, o celeiro do País, nomeadamente no complexo agro-industrial do Chókwè, e outros sectores de actividade económica e social do nosso País.

Durante a estada do eminente dirigente revolucionário da Pátria de George Dimitrov ao nosso País, foi celebrado o Tratado de Amizade e Cooperação entre a República Popular de Moçambique e a República Popular da Bulgária. Este importante documento consagra o reforço e o desenvolvimento contínuo das relações políticas, económicas, técnico-científicas, sociais e culturais entre os nossos Estados engajados na construção e avanço do Socialismo. Estabelecemos na base do Marxismo-Leninismo e do Internacionalismo Proletário, a via de desenvolvimento das nossas relações tradicionais de amizade e cooperação na luta comum contra o imperialismo, o colonialismo, o neocolonialismo, o racismo e o «apartheid», pelo triunfo do Socialismo, da Paz e do Progresso Social.

CONTRIBUIÇÃO PARA O TRIUNFO DA REVOLUÇÃO SOCIALISTA MUNDIAL

No princípio deste ano, recebemos, no nosso País, o Presidente da República Democrática Alemã, Erich Honecker, dirigindo uma importante delegação de Partido e Estado daquele país irmão.

A sua presença em Moçambique contribuiu para a consolidação dos laços de amizade e solidariedade militantes existentes entre o Povo Moçambicano e o Povo Alemão, desde os momentos difíceis da nossa luta de libertação nacional contra o colonialismo português.

Conquistada a Independência Nacional, temos desenvolvido com a República Democrática Alemã uma cooperação frutífera em vários domínios, nomeadamente na educação, formação profissional, indústria e comércio, e outros ramos de actividade do nosso Estado.

A nível ideológico e político alcançámos também uma cooperação avançada, que assegura o desenvolvimento sólido das relações fraternais de amizade e cooperação entre os nossos Partidos, Estados e Povos.

Em conjunto, reafirmámos a nossa firme determinação em nos apoiarmos mutuamente na edificação do Socialismo na República Popular de Moçambique e no desenvolvimento da sociedade socialista avançada na República Democrática Alemã.

Como resultado do desenvolvimento da cooperação bilateral mutuamente vantajosa, concluímos um Tratado de Amizade e Cooperação, na base do engajamento comum aos princípios universais do Marxismo-Leninismo e da prática consagrada do Internacionalismo Proletário. Deste modo, reforçámos

a nossa capacidade de acção comum na trincheira da luta anti-imperialista mundial.

Estabelecemos as linhas mestras que orientarão para uma etapa mais avançada as relações de amizade e cooperação multiforme entre os nossos países e contribuindo assim para o triunfo da Revolução Socialista Mundial.

No passado mês de Abril, o nosso País teve a honra de receber o Presidente Nicolae Ceausescu, dirigente máximo da República Socialista da Roménia. Através da sua pessoa, manifestámos o nosso sentimento de gratidão pelo apoio militante que recebemos do Povo Romeno durante a luta armada de libertação nacional contra a dominação colonial e imperialista.

Durante a sua estada, trocámos ricas experiências sobre a construção socialista em ambos os países e definimos as bases correctas e sólidas de uma cooperação frutífera bilateral.

Neste contexto concluímos que a unidade de acção e o desenvolvimento ulterior das relações de amizade e cooperação entre a República Popular de Moçambique e a República Socialista da Roménia continuavam assentes nos princípios universais do Marxismo-Leninismo, o que nos conduziu à celebração de um Tratado

Senhor Presidente,
Senhores Deputados,

A conclusão de tão importantes documentos resulta da amizade fraternal e da cooperação existentes entre os Partidos e Povos daqueles países irmãos com o Partido FRELIMO e o nosso Povo. Eles visam o aprofundamento do conhecimento mútuo de ambos os Povos e são uma contribuição para o reforço da ampla frente anti-imperialista mundial na sua luta pelo Socialismo, Paz e Progresso Social. A assinatura dos referidos tratados, traduz a firme determinação da República Popular de Moçambique e daqueles países amigos no alargamento e defesa das nossas conquistas sócio-económicas, na base de princípios do respeito pela soberania, pela integridade territorial, pela não ingerência nos assuntos internos e pela igualdade de direitos.

Convicto de que os Tratados contribuem para o sucesso da luta do Povo Moçambicano na consolidação da independência nacional e construção do socialismo, e reconhecendo o papel que desempenham no fortalecimento e desenvolvimento do Movimento Revolucionário Mundial na luta contra o imperialismo, espero que a Assembleia Popular congratule efusivamente Sua Excelência o Presidente da República Popular de Moçambique, Samora Moisés Machel, pela assinatura de tão importantes documentos e formalmente proponho que a Assembleia Popular ratifique os Tratados de Amizade e Cooperação entre a República Popular de Moçambique, a República Popular de Angola, a República Popular da Bulgária, a República Democrática Alemã e a República Socialista da Roménia.

A LUTA CONTINUA!